Em Movimento

OUTUBRO DE 2026 | ANÁLISES E ATUALIZAÇÕES DA ASSEMBLEIA INTERNACIONAL DOS POVOS

Cuba não é uma ameaça: a luta contra o bloqueio

Caros companheiros e companheiras, saudações internacionalistas! Sejam bem-vindos a esta edição do Boletim Informativo **Em Movimento** da Assembleia Internacional dos Povos (AIP).
Em Cuba, a vida cotidiana tornou-se uma luta pela sobrevivência. À medida que os Estados Unidos intensificam seu bloqueio e cercam o abastecimento de combustível da ilha, um povo inteiro está sendo levado ao limite e sofre um genocídio silencioso.

Por trás de cada apagão há uma família: uma mãe esperando por um exame médico que talvez não aconteça, uma criança esperando por uma cirurgia ou por remédios que não conseguem chegar ao país, médicos e enfermeiros trabalhando no escuro e professores mantendo as salas de aula abertas com quase nada, porque acreditam que toda criança merece aprender.

Esse sofrimento não é resultado de um desastre natural. É resultado de uma política de seis décadas que visa quebrar o povo cubano, isolando-o do comércio, do crédito, do combustível e dos suprimentos — uma política cujos efeitos hoje são mais severos do que nunca. As medidas se acumularam ao longo dos anos: a Lei Helms-Burton de 1996 e a ativação de seu Título III em 2019, a redesignação de Cuba como Estado patrocinador do terrorismo, a emergência nacional de janeiro de 2026, as tarifas que punem os países que fornecem petróleo a Cuba e a Ordem Executiva 14404 de maio de 2026, que estende o bloqueio para além das fronteiras dos EUA e impõe a privação de combustível.



Os embaixadores de Cuba deram o alarme repetidamente este ano. Em junho, o embaixador Luis Mariano Fernández alertou para uma escalada da guerra dos EUA contra a ilha, quando Washington anunciou novas sanções contra o presidente cubano e sua família. No mês seguinte, Washington indiciou Raúl Castro abertamente, uma medida que Havana chamou de pretexto para a agressão e que a China condenou como uma violação da soberania cubana. Em agosto, com o bloqueio petrolífero completando seis meses, observadores já alertavam que a prioridade imediata era evitar um desastre humanitário e que Cuba precisa de um sistema energético do qual não possa ser isolada. Em setembro, os BRICS, comemorando seu vigésimo aniversário, somou sua voz ao apelo pelo fim do bloqueio.

Essa campanha de agressão segue um longo padrão histórico no qual Washington tem buscado subjugar a ilha e utilizá-la para seus objetivos econômicos e políticos em toda a região. O que Washington considera intolerável é o compromisso de Cuba em servir seu povo e defender sua soberania, que é exatamente o que essas medidas visam destruir. Esse compromisso nunca se limitou às fronteiras de Cuba: mesmo sob cerco, Cuba continuou compartilhando o que tem, e seus médicos cuidaram de pessoas em todo o mundo, muitas vezes onde ninguém mais iria.

Esse acerto de contas ocorreu nesta semana. Nos dias 27 e 28 de outubro, a Assembleia Geral das Nações Unidas votou, pelo 34º ano consecutivo, a resolução que Cuba apresentou pela primeira vez em 1992: a necessidade de pôr fim ao bloqueio econômico, comercial e financeiro imposto pelos Estados Unidos contra Cuba. A resolução foi aprovada por 130 votos a favor, 17 contra e 25 abstenções. Bruno Rodríguez Parrilla acusou Washington de ameaçar com tarifas, recusas de vistos e suspensão de ajuda aos governos que votassem a favor da resolução, e entrou em confronto com Waltz no plenário da Assembleia no dia anterior à votação, forçando o presidente da sessão a suspender brevemente os trabalhos. A votação não é vinculante, mas mesmo assim foi aprovada por ampla margem.

A votação de 2026 revelou a intensificação da ofensiva imperialista contra Cuba e sua Revolução, combinando pressão diplomática direta de Washington com o crescente alinhamento de forças de direita e de extrema direita em toda a

América Latina. Embora 130 países tenham mais uma vez votado pela exigência do fim do bloqueio, o apoio caiu drasticamente em comparação com 2025, quando 165 países votaram a favor, apenas sete contra e 12 se abstiveram. Na América Latina, governos alinhados com o governo Trump aderiram a essa ofensiva: Argentina, Paraguai, Equador e Costa Rica estavam entre os que votaram contra a resolução, refletindo o avanço regional de forças que alinham suas políticas externas à agenda de Washington. A campanha de pressão também levou vários países a romper com suas posições de longa data: pela primeira vez em 34 anos, Alemanha e Itália se abstiveram na votação. Bósnia, Colômbia, Lituânia, Marrocos, Macedônia do Norte, Paraguai e Eslovênia estão entre os Estados-membros que votaram contra — a maioria pela primeira vez.

Essas mudanças ocorreram em meio a uma campanha agressiva do governo Trump para coagir governos por meio de pressão diplomática, ameaças de retaliação econômica e a instrumentalização do poder dos EUA. Esta não é uma disputa diplomática isolada, mas parte de uma estratégia imperialista mais ampla para isolar Cuba internacionalmente, minar sua soberania, enfraquecer seu projeto socialista e forçar uma reviravolta política na ilha. Embora a esmagadora maioria dos países continue a rejeitar o bloqueio, a votação de 2026 demonstra como o imperialismo busca ampliar seu alcance por meio da pressão sobre governos e da mobilização de seus aliados políticos, ameaçando o multilateralismo e o direito dos povos de determinar seu próprio futuro.

No entanto, essa votação faz parte de uma história muito mais longa. Uma rápida pesquisa poderia identificar cerca de 3.900 ocasiões em que os Estados Unidos votaram contra a esmagadora maioria dos Estados-membros da ONU. Desde a oposição a resoluções contra o colonialismo e o apartheid até a rejeição de apelos pelos direitos dos palestinos, pela soberania nacional, pela não interferência em processos eleitorais e pelo fim de medidas coercitivas unilaterais, Washington tem se posicionado repetidamente contra a vontade coletiva dos povos do mundo. O caso de Cuba não é uma exceção: por 34 anos consecutivos, os EUA votaram contra o fim de seu bloqueio criminoso e genocida à ilha. Esse histórico expõe a contradição entre as alegações de Washington de defender a democracia e seu desrespeito persistente pela soberania e autodeterminação das nações.

A Assembleia Internacional dos Povos defende a soberania cubana e condena o bloqueio dos EUA, que visa sabotar o direito do povo cubano à autodeterminação.

Convocamos pessoas e organizações em todos os lugares a se manifestarem, agirem em solidariedade e exigirem o fim do bloqueio, independentemente da pressão que Washington exerça sobre a contagem.

Cuba não é uma ameaça; o bloqueio sim o é.

Atualizações

EUA fora da Ásia: Um apelo popular pela soberania e solidariedade

AIP Ásia lançou o livro *Hands Off Asia: A People's Call for Sovereignty and Solidarity* (EUA foda da Asia: um apelo popular por soberania e solidariedade), que reúne debates, discursos e a Declaração de Colombo, resultado de uma conferência realizada no Sri Lanka em julho de 2026, com a participação de representantes de 17 países e 46 organizações. A publicação analisa as diversas formas de imperialismo na Ásia, incluindo militarização, sanções, endividamento e dominação cultural. Como parte da campanha "Hands Off Asia", o livro defende a soberania dos povos, a retirada das bases militares estrangeiras e a construção de alternativas soberanas e socialistas, ao mesmo tempo em que fortalece a solidariedade internacionalista. Leia o comunicado de imprensa completo aqui e baixe o livro em inglês.

Solidariedade com a juventude da Índia e com o Partido Comunista da Índia (Marxista)

A Assembleia Internacional dos Povos expressa solidariedade com a juventude indiana e com as forças de esquerda e progressistas que protestam contra as alterações nos cadernos eleitorais que excluem milhões de eleitores, bem como contra a repressão aos manifestantes. A organização condena as prisões de líderes políticos e exige o fim da repressão, o respeito aos direitos constitucionais e uma Comissão Eleitoral independente e imparcial. A declaração também destaca a conexão entre as lutas dos jovens na Índia, no Brasil, na França e na Espanha, reafirmando a importância da solidariedade internacional na defesa da democracia, da dignidade e da justiça social. Leia a declaração completa

Libertem os Quatro da Sumud

Desde março, as autoridades tunisianas mantêm quatro organizadores da Frota Global Sumud — o comboio civil que buscava romper o bloqueio de Israel e entregar ajuda a Gaza — em prisão preventiva por supostas irregularidades financeiras relacionadas à arrecadação de fundos da frota. Um tribunal tunisiano prorrogou a prisão preventiva por mais quatro meses em setembro, o que gerou protestos em Túnis no dia 19 de setembro e ações de solidariedade no exterior sob a bandeira dos "Quatro da Sumud". Um dos organizadores detidos está em greve de fome há mais de um mês, e simpatizantes relatam que sua saúde está se deteriorando. A Assembleia Internacional

dos Povos se une ao apelo pela libertação imediata dos ativistas. Leia mais

Atenção, estão destruindo a democracia: Parem-nos

O “Potere al Popolo!”, partido da coalizão de esquerda da Itália, alertou que a nova lei eleitoral do governo Meloni entregaria a maioria governamental a um partido incapaz de conquistá-la nas urnas, ao mesmo tempo em que exige 450 mil assinaturas para a apresentação de listas independentes — uma barreira que, segundo o partido, foi criada para silenciá-lo e ao restante da verdadeira oposição italiana. O “Potere al Popolo!” associou a lei a uma guinada autoritária mais ampla: sanções dos EUA contra organizações antifascistas, uma lei contra o “antisemitismo” que, segundo o partido, tem como alvo ativistas pró-palestinos, a ampliação dos decretos de segurança e a censura justificada pela “guerra híbrida”, juntamente com o rearmamento da Itália, os compromissos com a OTAN e a austeridade europeia. O partido, que também classifica a guerra de Israel contra Gaza como um genocídio, convocou a sociedade civil e todas as organizações democráticas a se mobilizarem contra essa lei. Leia mais

Feministas anti-imperialistas, apoiem Cilia!

Nove meses após as forças dos EUA invadirem a Venezuela e sequestrarem o presidente Nicolás Maduro e a primeira-dama Cilia Flores, um tribunal federal dos EUA no Distrito Sul de Nova York negou, em 8 de outubro, o pedido de prisão domiciliar de Flores, determinando que ela permanecesse no Centro de Detenção Metropolitano do Brooklyn por risco de fuga. Organizações feministas de base e anti-imperialistas relatam que sua saúde se deteriorou durante o confinamento: perda de 11 kg, episódios de taquicardia ventricular e dores torácicas intensas, perda de dois molares e necessidade de tomar quatro medicamentos por dia. A declaração exige a libertação imediata e incondicional de Flores e Maduro, com atendimento médico urgente, o fim das sanções e do envio de forças militares estrangeiras à região, a prestação de contas pelos assassinatos políticos e pela perseguição judicial, além de uma rede de solidariedade feminista de cuidado mútuo transfronteiriço e autodefesa comunitária. Leia mais

Coreanos em solidariedade a Cuba

Em 24 de outubro, o Centro de Estratégia Internacional (ISC) realizou um evento de solidariedade a Cuba em Seul. Discutiram-se a crise atual enfrentada por Cuba sob o bloqueio dos EUA e reforçou-se a solidariedade da Coreia com a ilha. O ISC está planejando mais eventos de solidariedade com Cuba em breve. Veja mais

Em Solidariedade

Mobilizem-se pela Palestina, mobilizem-se pelos presos políticos



Em toda a Cisjordânia, nos últimos meses, houve um bloqueio militar total e uma onda de ataques de colonos contra agricultores palestinos, jornalistas, diplomatas e voluntários internacionais durante a colheita da azeitona. Nada disso está separado do que acontece dentro das prisões sionistas. Como o encarceramento em massa de palestinos não é uma medida de aplicação da lei, mas uma estratégia deliberada para desmantelar a organização política palestina – líderes como Marwan Barghouti e Ahmad Sa'adat são mantidos presos para romper o vínculo entre os movimentos de base e a liderança nacional –, a detenção administrativa mantém a vida política permanentemente insegura, e até mesmo a filiação sindical, o ativismo estudantil e o discurso público podem ser rotulados como uma "ameaça à segurança".

"O sistema prisional israelense", escrevemos, "é uma das armas mais refinadas do sionismo", e a mensagem que ele transmite é inequívoca: que a própria participação política palestina é ilegal.

Em 29 de novembro, o mundo comemora o Dia Internacional de Solidariedade com o Povo Palestino, data estabelecida pelas Nações Unidas em 1977. Desde

então, tornou-se uma ocasião global para que os opositores do colonialismo, do imperialismo e do sionismo reafirmem o direito do povo palestino à sua terra, ao retorno dos deslocados e a um Estado independente e democrático, além de condenarem os crimes da ocupação, incluindo detenções em massa e o confisco de terras e casas.

A Assembleia Internacional dos Povos convoca as organizações e todos os movimentos populares a se mobilizarem pela Palestina: realizar ações públicas e emitir declarações que citem individualmente os presos palestinos e exijam sua libertação, construir campanhas ativas de boicote contra a normalização e tornar a causa do movimento dos presos inseparável da demanda mais ampla pelo fim da ocupação. A causa da Palestina não precisa da nossa piedade. Ela precisa que estejamos nas ruas em sua defesa.

Notícias



Produção de cereais atinge recorde histórico: a busca de Burkina Faso pela soberania alimentar

As políticas de autossuficiência alimentar de Burkina Faso elevaram a produção de cereais para 124% da necessidade nacional, antecipando-se a um plano mais ambicioso para 2026-28, que visa aprofundar esses ganhos. Leia mais



As mulheres palestinas são uma fonte de força para nossa luta pela liberdade

Membros da Marcha Mundial das Mulheres na Palestina descrevem como são a sobrevivência e a resistência no dia a dia sob a atual ocupação. Leia mais



Israel é considerado a principal “fonte de insegurança e instabilidade” na Ásia na Conferência de Baku

Delegações de mais de uma dúzia de países abandonaram uma conferência regional em Baku quando o presidente israelense Isaac Herzog começou a discursar. Leia mais



Tenho muitas dívidas no início do mês:



Lula é reeleito, derrotando Flávio



Lista Estudantil derrota o Partido

sobreviver até o próximo salário

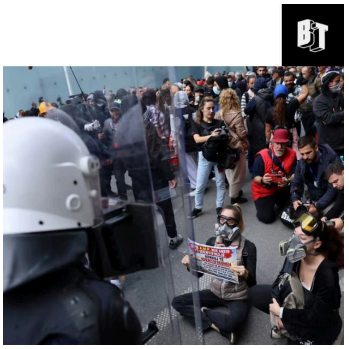
As famílias argentinas ficam sem dinheiro antes do fim do mês: 4,9 milhões agora recorrem a poupanças, empréstimos ou à venda de bens apenas para cobrir despesas, com 91,7% das famílias endividadas e 61% dos gastos com cartão de crédito destinados à alimentação. Leia mais

Bolsonaro em uma reviravolta histórica

Lula derrotou o senador Flávio Bolsonaro no segundo turno de 25 de outubro, com 51,76% contra 48,24%, tornando-se o primeiro candidato, desde o retorno do Brasil às eleições diretas em 1989, a ficar atrás no primeiro turno e ainda assim vencer o segundo. Leia mais

Progressista Sérvio de Vučić

Dois anos de protestos liderados por estudantes contra o desabamento da cobertura de Novi Sad, ligado à corrupção, culminaram na vitória eleitoral da Lista Estudantil em 25 de outubro, que obteve 53% dos votos, pondo fim aos 12 anos de Aleksandar Vučić no poder. Leia mais



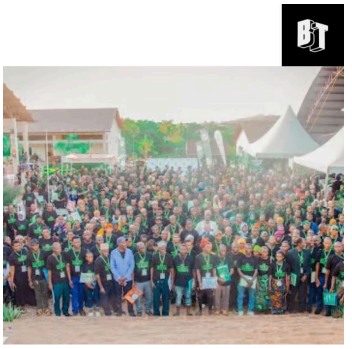
Protestos na Albânia não dão sinais de abrandamento

A “Revolução dos Flamingos” da Albânia, contra projetos turísticos da elite e a corrupção, entrou em seu sexto mês, com os estudantes intensificando os protestos desde meados de outubro, depois que parte do prédio do Ministério da Educação pegou fogo durante um protesto; os manifestantes rejeitaram a oferta de diálogo do primeiro-ministro Edi Rama, exigindo sua renúncia. Leia mais



Protestos proibidos e toques de recolher decretados antes de grande mobilização na França

Depois que cerca de 800 mil pessoas marcharam em todo o país em 17 de outubro contra a austeridade, o governo francês proibiu protestos subsequentes em 10 cidades e anunciou o envio de tropas para “proteger” as manifestações, permitindo apenas marchas organizadas por sindicatos. Leia mais



Pequenos agricultores da Tanzânia traçam seu rumo em Morogoro

A Assembleia Geral Anual da MVIWATA, com 850 delegados em Morogoro, discutiu apropriações de terras, intermediários exploradores do tipo “agricultores fantasmas” e contratos de carbono opacos, decidindo dar andamento às reivindicações fundiárias e construir um banco de sementes indígena. Leia mais

Análises e Alertas

Os minerais críticos por trás do Corolário de Trump

A campanha de Washington para controlar a riqueza mineral do Hemisfério Ocidental é uma renovada subordinação imperial, parte do “Corolário de Trump” à Doutrina de Monroe. A América Latina refinou apenas um quinto dos minerais energéticos que extraiu em 2025, enquanto a China refina mais de nove décimos do gálio, grafite e manganês globais; o verdadeiro gargalo não é a geologia, mas o controle do refino, das patentes e dos mercados. Leia mais

A violência de Israel contra a Palestina sobrevive ao cessar-fogo

Um ano após o cessar-fogo em Gaza, o Instituto Tricontinental documenta bombardeios, destruição de infraestrutura e estrangulamento financeiro como “frentes interconectadas da mesma ofensiva”: quase nove décimos da infraestrutura hídrica e de saneamento de Gaza destruída, PIB real per capita de US$ 212 e mais de nove décimos da população em idade ativa desempregada. Leia mais

Além da polaridade: por uma teoria marxista da ordem mundial

O novo dossiê do Instituto Tricontinental discute que a contagem de Estados poderosos, a linguagem da unipolaridade ou multipolaridade, não nos diz nada sobre como o poder é realmente produzido; a verdadeira questão é “onde as relações imperiais são mais vulneráveis à ruptura”. Os EUA mantêm o poder estrutural por meio do dólar, das bases e das instituições jurídicas, mesmo enquanto a China, a Rússia e outros ampliam sua margem de manobra. Leia mais

Assembleia Internacional dos Povos

Este e-mail foi enviado para {{ contact.EMAIL }}
Você recebeu este e-mail porque se inscreveu para nosso boletim informativo.

Cancelar inscrição